

Rojas, Volodia Teitelboim y el mismo Alegría.

Esta colección de ensayos incluye escritos de críticos bien conocidos de la literatura hispanoamericana en general y de la chilena en particular. Aunque por un lado el libro representa un homenaje a Alegría es por otro una valiosa compilación de estudios claves sobre los textos más importantes del escritor. El lector encontrará ensayos que analizan desde distintas metodologías críticas los siguientes aspectos de la ficción y poesía de Alegría...la perspectiva narrativa y la manera peculiar en que el narrado de Alegría incorpora al lector al interior del texto mismo; el proceso de desdoblamiento del narrador y la relación armoniosa entre el narrador de la enunciación, el del enunciado y la actitud existencialista reflejada en el mundo narrado; el vínculo estrecho entre temas y estructuras; la relación entre política y literatura y lo que distingue a la novela de Alegría de la novela de protesta social; el lenguaje y el estilo, y cómo éstos se identifican plenamente con la cosmovisión del autor implícito; los refugios espaciales de los seres marginados del mundo narrado; los recursos y procedimientos que producen una escritura cuyas modalidades deconstruyen una ideología fascista; los diferentes discursos narrativos de los textos de Alegría; la teorización del golpe militar chileno como problema discursivo; la multiplicidad de lecturas posibles del texto narrativo; el acercamiento de Alegría a la historia como poesía y, finalmente, las constantes de su mundo poético.

La mayoría de los artículos, reseñas y entrevistas que integran este libro han aparecido anteriormente en

otra parte, en particular en *Homenaje a Fernando Alegría* (1972) de Helmy F. Giacomán y también en algunos números recientes de la revista Texto Crítico. De los veintiséis títulos sólo seis han sido preparados exclusivamente para esta colección. Claro, dada la importancia de Alegría como escritor, hubiera sido preferible agregar un mayor número de ensayos nuevos al corpus ya existente de crítica sobre su narrativa y poesía. Pero, pese a este reparo, *Para una fundación imaginaria de Chile* proporciona a su lector la oportunidad de conocer mejor la labor creativa de Alegría a través de una serie de estudios significativos reunidos ahora en un solo libro. También contiene el volumen una indispensable bibliografía selecta, la cual será, sin duda alguna, muy útil en la preparación de futuras investigaciones sobre este escritor.

John J. Hassett
Swarthmore College

Escobar, Ruth. *Maria Ruth, Rio de Janeiro*, Editora Guanabara, 1987.

Para um jovem adolescente, recém descobrindo o mundo e vivendo sob o jugo muito forte de uma ditadura militar, aquela mulher seminua num palco altamente elaborado do ponto de vista técnico, chamando um burro de Ernesto (o general-presidente do Brasil era Ernesto Geisel), todo este universo era, no mínimo, fantástico, senão surpreendente. O adolescente era eu, a peça, A Torre de Babel do escritor espanhol Fer-

nando Arrabal, a atriz, Ruth Escobar. Hoje, muitos anos passados, a mulher-atriz-mãe-amante--deputada-lider feminista e tantas outras designações mais acaba de publicar o seu livro de memórias, uma autobiografia cômica, se não fosse séria. Por quê? Principalmente devido à orientação do estilo memorialístico que sempre imperou no Brasil: uma visão de classe dominante sempre escrita para esse mesmo estamento, sem levar em consideração as classes subalternas que faziam parte, via de regra, do (nosso) cenário, ora como empregados, mo-oristas ou outras profissões menos votadas. Mais uma vez ficava provado que o corredor que ligava a Casa Grande à senzala era de mão única. Esta pseudo-autobiografia redime o estilo memorialístico e traz-lhe contribuições notáveis, senão originais. Vejamos, pois.

Em primeiro lugar, trata-se de uma estória de mulher. Uma ousadia poucas vezes trazida à tona: uma mu-lher fala despididamente da sua vida, amores, cotidiano político, so-cial, econômico e outros. O rompi-mento com o mundo das memórias masculinas está desfeito numa pri-meira escala. (Quantas mulheres fa-zem parte das histórias oficiais dos países do mundo ocidental?) A se-guir (et pour cause), a visão de classe se apresenta profundamente problematizada através de um cruzamento de sensações e pulsões que pertencem às mais diversas classes e estão protagonizadas na figura bem urdida do narrador. Umas memórias que arrebetam com o sentido da "ver-dade" (pelo menos de uma verdade tomada como única, auto-centrada, falocêntrica) e introduzem

memórias da "atriz" Ruth Escobar nos apresentam um narrador que, utilizando-se magistral-mente de recursos literários e de seus princípios estruturais, tenta dar-nos conta de uma realidade: a vida de uma mulher em Portugal, primeiramente, e, depois, no Brasil num período compreendido entre o pós-guerra e a década de 80. Suas lutas, vitórias, derrotas, choros e fantasias nos são transmitidos com a acuidade de um escritor realista mas que, antes de tudo, está preocupado em filtrar determinadas sensações armazenadas no mais profundo patamar da alma humana. Nessa medida, as memórias de Ruth Escobar representam (no seu sentido mais teórico possível) a vida de uma determinada parcela da sociedade brasileira, cindida entre os compromissos mais imediatos com a realidade sócio-econômica do país e a sua necessidade de ascensão. Este segmento se realiza em quanto busca de um verdadeiro homem (como em um dos casamentos realizados, por exemplo, pela atriz) no flerte sintomático com a intelectualidade (nesta medida, a narração do seu episódico casamento com um filósofo brasileiro pode servir de exemplo mais do que sintomático). As classes se fundem e confundem numa ten-tativa do narrador (fragmentário, por excelência) dar conta dos vários cacos que compõem o seu mundo e a sua multifacetada realidade. Ruth-o narrador (e não utilizo o termo por machista, senão por referência téc-nica) vai recolhendo os seus pedaços numa tentativa de deciframento e autognose (não é à-toa que a sociedade ocidental associou as mulheres às bruxas ou à figura da Esfinge).

Centro de Estudios Literarios Antonio Cornejo Polar

Copia para uso académico y personal prohibida su reproducción

2 de 3

Thursday, March 20, 2025

às bruxas ou à figura da Esfinge). Neste processo, estão todos implicados: filhos, maridos, autores teatrais (é hilariante o seu contacto com o dramaturgo francês Jean Genet quando da sua estada no Brasil), companheiros de classe (emocionante o reviver dos dias que antecederam a morte da famosíssima atriz brasileira Cacilda Becker), a mãe (uma figura fortíssima e, por vezes, relegada a segundo plano de forma mais do que proposital) e muitos outros (pois a enumeração é sempre um processo muito aborrecido) na vereda de compreensão de que "os mesmos caminhos que levam ao céu, levam ao inferno. Depende da tua vocação para ser feliz ou desgraçado".(p.222).

Em minha opinião (o adolescente que viu a peça também está embutido na figura do resenhista), o livro de Ruth Escobar nos conduz por "mares nunca dantes navegados" (a dicção por vezes portuguesa do narrador é motivo de uma deliciosa forma de fruição do texto), mostrando-nos que essa narrativa nos fala de "ponto de chegada, uma ótima forma de me sentir bem dentro de mim mesma". (p. 13)/ E, com Ruth (autor e não só) -Maria Ruth (narrador/-personagem) -Legião, nós também, leitores, nos colocamos dentro dessa escritura do corpo e do prazer (nada mais pós-moderno e vivo) sem amarras (e, ao mesmo tempo, com todas elas). Um texto de prazer que se transforma, a olhos vistos, em prazer do texto.

Francisco Caetano Lopes Junior
University of Pittsburgh

Hinostroza, Rodolfo. *Poemas Reunidos*, Lima, Mosca Azul, 1986.

Un acontecimiento literario notable es la reciente publicación de la obra poética completa de Rodolfo Hinostroza, bajo el título de *Poemas reunidos*. Recién ahora podemos apreciar la trayectoria artística de uno de nuestros escritores más importantes y valorar adecuadamente sus aportes a la cultura peruana. Autor de sólo dos poemarios: *Consejero del Lobo* (1965) y *Contranatura* (1971), Hinostroza es uno de los poetas más experimentales que ha surgido en nuestro país. La poesía es concebida por él como una búsqueda de nuevas formas expresivas que comuniquen con mayor intensidad una determinada experiencia vital.

Los dos grandes poetas de los años 60 son Cisneros e Hinostroza. El primero más historicista que el segundo, pero también más disparejo. Hinostroza más cosmopolita que Cisneros. En fin, dos experiencias poéticas diferentes que constituyen opciones igualmente respetables considerando los hechos preeminentes de los años 60: el impacto de la Revolución Cubana, la difusión de las ciencias sociales, la primavera de Praga, la crisis de la universidad francesa, la mayor dependencia del Perú a los capitales norteamericanos, etc.

Estos hechos repercuten indirectamente en la poesía de Hinostroza que -como ya dijimos- es de tendencia cosmopolita porque toma muchos elementos de la tradición occidental con el fin de analizar algunos acontecimientos internacionales: la crisis del poder político totalitario,